

05 ABO 1995

Mitos Desmontados *Clon Brasil*

O Banco Central acelerou ontem o movimento de redução dos juros. Tomada em seguida a ampliação dos prazos de financiamentos de automóveis, caminhões e tratores, a decisão sinaliza que o governo já considera possível prosseguir a batalha da desindexação, afrouxando os controles monetários sem risco de retorno da inflação.

A situação está sob controle, mas os pessimistas de plantão dirão que o governo cedeu às pressões dos asfixiados pelos altos juros e o súbito esfriamento do consumo. As concordatas seriam a prova de que o governo errou ao administrar dose excessiva de desaquecimento.

Desde que o Real foi lançado, os condutores da economia (governos Itamar Franco e Fernando Henrique) cansaram de alertar a sociedade para não ceder à tentação do consumismo. Como o país ia ter moeda estável, o consumidor não precisava pressa de comprar antes que os preços voltassem a subir — como aconteceu nos planos anteriores.

Os críticos do Real insistiam em tachar o plano de recessivo pelo arrocho salarial. Os fatos demonstraram que a tese era falsa. Quando o aumento do poder de compra elevou a febre de consumo — apesar das advertências do governo, forçado a conter o crédito —, os adversários da estabilização (o país vivia processo eleitoral) garantiam que o governo perderia a batalha da inflação e engrossavam as hostes inflacionárias.

A inflação subiu em outubro, por influência da seca prolongada sobre o feijão e a carne, mas recuou no final do ano, por força da contenção do crédito e da redução das alíquotas de importação. A concorrência dos produtos importados segurou os preços dos bens de consumo e os preços dos produtos agrícolas recuaram, devido à produção recorde de soja e milho nos Estados Unidos.

Os ventos favoráveis à estabilização calaram a

boca dos que previam o descontrole inflacionário. Mas o aparecimento de déficits comerciais, após a abertura das importações no final do ano passado, desencadeou uma nova onda, amplificada pela crise cambial do México: o Brasil estava condenado a amargar o efeito tequila e também quebraria.

Os fatos estão provando que a crise cambial foi afastada rapidamente. O problema hoje é o inverso: ingresso excessivo de divisas, que força o Tesouro a lançar títulos para esterilizar esses recursos. Por isso, o Banco Central começou a baixar os juros.

Outros sinais induzem o governo a afrouxar o aperto monetário e a baixar os juros. Eles têm menos a ver com os problemas de liquidez de empresas e mais o fato de que já foi afastada a ameaça de repique da inflação no primeiro aniversário do Real. A tendência firme de queda da inflação anunciada pela Fipe deu a certeza de que baixar a guarda do controle monetário não interromperá a marcha da estabilização.

Nesses 16 meses de administração do Plano Real (considerando a fase preparatória da URV) o país já deveria ter compreendido que o governo tem pleno domínio do que está fazendo. Nada se faz de afogadilho ou sem perder a perspectiva de que o crescimento econômico só será auto-sustentado se o país aniquilar a inflação.

Para isso, o Brasil precisa menos de palpites de algebeira e de mais seriedade e responsabilidade no exame das reformas que assegurem o equilíbrio fiscal do Estado. Quando o Estado deixar de avançar sobre a poupança privada para financiar seus gastos, a questão dos juros perderá a importância e será vista do ângulo que realmente convém à sociedade: pela capacidade do sistema financeiro em canalizar a poupança nacional para o financiamento das atividades do setor produtivo.

JORNAL DO BRASIL